

JOSÉ CARDOSO PIRES

57 anos e avô recente, recebeu o prémio mais cotado das letras portuguesas. Diz que gosta de escrever com os seus próprios vícios e sente-se jornalista desde sempre.

Mas gosta de facto é de viver.

VASCO DE CASTRO

Recebeu há pouco o prémio mais importante da nossa literatura, importante em tostões (700 contos) e pela origem (da Associação Portuguesa de Escritores). O romance premiado, «A Balada da Praia dos Cães» é um best-seller, vai já em 28 mil exemplares (números excepcionais para o nosso meio) e ao contrário dos conhecidos best-sellers foi um livro festejado também pela crítica que temos. O apogeu pois de um percurso literário de quase quarenta anos. Onde se contam, entre outros, «O Hóspede de Job», «O Delfim», «A Cartilha do Marialva», «O Dinossauro Excelentíssimo»... todos com várias edições. Nunca foi um escritor anónimo ou marginal (o que não quer dizer sem riscos), e todavia diz-me que **não penso no público, se não gostam, não gostam...** Aos 57 anos é um escritor a tempo completo, mas só nos últimos anos é que pode aventurar-se a viver da pena. Em 74 entrara para o «Diário de Lisboa» como Director-adjunto, dois anos depois desistiu, **foi o meu último emprego e há seis anos que vivo do que escrevo.** Os 700 contos do prémio caíram que nem mosca no mel, havia dívidas e sobretudo os impostos acumulados e que já iam até em processo judicial. Que isto das letras é jogo de trapezista sem rede. O que vai conforme com o jeito de ser deste homem que morde a vida com todos os dentes de ar tímido e jovial mas **mais agressivo do que pareço,** e que me confessa, **do que gosto de facto é de viver, ler a vida.** Não contabiliza o dia de amanhã. **Gosto de bares** (como Hemingway), **mais da noite que do dia** (como Kerouac), **tardes de Verão na praia** (como

Lowery). Diz-me em síntese, **gosto de beber, conversar, beber.** Não gosta de viajar, **mas viajo.** E os aviões e os aeroportos são lugares excitantes. E depois há os filmes, o sexo, a pintura e o futebol (de bancada), como cenário fascinante. Um homem de sensações, como se dizia. Reconhece isso mesmo ao afirmar que **a escrita para mim é muito visual.** Porque na literatura é o **instinto que domina,** ou seja, o talento de dar a ver... Porquê escritor, perguntei... **É o único trabalho em que me sinto feliz e livre.** Com a folha de papel branco à frente, **só dependo de mim, é o prazer de mestre do tempo.** Recordar-se de aos 4 anos o grande mistério que foi ver a mãe abrir uma carta e rir-se. **Pensei: puseram ali uns riscos e ela está a lembrar-se de qualquer coisa, está a recordar. Quando era puto era um mistério isso, as pessoas a lerem.** Mas a literatura só a descobriu nos tempos do liceu, aí pelo 7.º ano. Liga-se ao Cesariny, ao Luiz Pacheco, ao O'Neill, ao Vespeira, ao Pomar. Publicou depois um conto e **era um jovem esperançoso para os neo-realistas mais velhos,** como o Carlos de Oliveira e o Mário Dionísio. Foram eles, liderados por Armindo Rodrigues, que se cotizaram para pagar a edição do seu primeiro livro, «Caminheiros e outros contos», tinha então 23 anos. E todavia contestava um certo academismo neo-realista. **Um dia no café Chiado com o Cesariny vi o Redol e disse-lhe: não o conheço, mas você é o responsável pela literatura mais detestável que se publica...** Depois tornaram-se amigos íntimos. Na altura saltitava de emprego para emprego mas,

queria era escrever. Pensava em ser jornalista (velha e duradoura a paixão, depois) e aos vinte anos foi ver o Director do «Diário de Lisboa». **Deu-me uma lição de moral,** que o jornalismo não era vida, etc... e que na marinha tinha, sim, uma bela carreira à frente. E que o pai era oficial da marinha de guerra e o moço Cardoso Pires tentara também o oceano, como praticante de piloto na marinha mercante. **Fiz duas viagens e na última vim preso.** A vocação era curta, e o meio do pior... O episódio é romanesco e conta-mo assim: **em Lourenço Marques desci a terra e cavei. Era durante a guerra e o barco transportava tropas para Timor. Engajei-me num barco americano que ia para Karachi, mas ao segundo dia voltou a Lourenço Marques e aí sou preso. Metem-me no «Niassa» de regresso a Lisboa, prisão benévola que permitia alguns passeios pelo convés... No barco vinham também de regresso de tournées africanas um ilusionista, de nome Octávio de Matos (pai do actor) e as «Hermanas Lopez», espanholas que em Lisboa «faziam» o Olympia, cabaret já desaparecido da rua do Condes. As duas «hermanas» eram convidadas da mesa do capitão, mais o imediato que pavoneava em redor um estilo de frustrado D. Juan. Ora, por ciúmes deste, fiquei preso no camarote, e a partir daí todas as tardes as «hermanas» vinham para o meu camarote, até Lisboa... Mas se a recordação é pitoresca, a marinha não o foi nada para Cardoso Pires. Pelo meio, livros que lhe asseguravam uma sólida reputação literária, com**

traduções no estrangeiro a começar pela prestigiosa «Gallimard» de Paris. Em 80 publicou «O Burro em Pé», os **contos que eu mais gosto e não tiveram saída.** Depois uma peça de teatro «O Corpo-delito na sala dos espelhos», **uma experiência lamentável, tudo correu mal... do pior que passei na minha vida!** O romance, a ficção é o seu domínio, mas o jornalismo um prazer que não se esgota. Tem um agente em Barcelona que lhe propõe reportagens, há três anos foi ao Vietnam e escreveu «Apocalipse dois» que foi publicada em Espanha, na «Triunfo», no México, na «Hoy» e no «Diário de Lisboa». E publica por vezes no «Die Zeit», alemão. Casado há 25 anos, duas filhas e uma neta Joana de 4 meses, por ora pensa melhor em ir descansar na Caparica onde tem um apartamento de isolamento e trabalho. Descansar também da ficção. **Tinha uma história já pronta, mas abandono-a.** Para mais tarde há ideias de reportagens, sobre as comunidades portuguesas nos Estados Unidos, sobre as «provincias» de Lisboa (que é de ex-provincianos, como se sabe), uma viagem a Macau... Garcia Marquez, o recente Nobel que há dias o veio visitar a Lisboa, contou-lhe que do dinheiro chorudo do Nobel, a mulher guardou uma parte para a educação dos filhos, e com o restante (umas dezenas ainda de milhares) vai montar um jornal na sua Colômbia natal. Estou em crer que na mesma situação Cardoso Pires faria o mesmo, que o jornalismo é um bichinho que o ataca em permanência.



Romancista premiado, pode finalmente ir descansar por uns tempos na sua casa da Caparica dos riscos de escritor profissional, que não foram poucos.